

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio Brasileiro

Class.: 1052

Data: 04/06/89

Pg.: _____

Sonho de voltar à Câmara embala a cura de Juruna

ANTONIO CARLOS SILVA

O ex-cacique xavante e ex-deputado federal pelo PDT do Rio de Janeiro, Mário Juruna, enquanto em casa cuida da convalescência de uma pneumonia dupla que o levou à CTI do HRAN, há duas semanas, prepara os primeiros arranjos de sua partitura política, rumo à Câmara Federal, em 1990. Em sua modesta casa, no Guará II, ele confessa acidentalmente que "Lula deveria aliar-se a Brizola e sair vice-candidato à Presidência da República", ao mesmo tempo em que malha todos os candidatos em disputa, com uma frase de branco: "Ninguém está preparado para ser presidente e nenhum vai prestar".

Juruna dá os acordes de sua campanha dizendo que vai defender o índio, o trabalhador e o camponês nos seus comícios. "Será apoiado pelo senador Maurício Corrêa (PDT-DF)", diz ele, garantindo que "não conhece Fernando Collor de Mello, candidato do PRN. Embora não questione as pesquisas, onde Collor aparece em 1º lugar, Juruna encontrou na rizicultura o exemplo tácito para o candidato: "O agricultor prepara as terras, planta o arroz bem cedo. Não vai colher nada", diz, insinuando que nem sempre quem sai primeiro chega em primeiro.

BRIZOLA GANHA

Ao contrário da frase de efeito segundo a qual "Índio só quer apito", Juruna está preocupado mesmo é com sua sobrevivência, principalmente a financeira. "Sou assessor técnico da Funai e recebo NCz\$ 900 por mês, só que, na minha conta, só aparecem NCz\$ 600", denuncia o ex-parlamentar.

De bermudão jeans, camiseta cáqui desbotada e descalço, Juruna, que reside com três filhos (tem 11 filhos ao todo), e a esposa Doralice, (sua segunda mulher) numa casa de seis cômodos, disse ontem que o candidato à Presidência da República do PDT, Leonel Brizola, será o sucessor do presidente José Sarney. "A direita jogará tudo contra o Brizola, mas acho que ele vencerá as eleições", profetiza Juruna.

Com críticas titânicas contra o Governo Federal, Mário Juruna, 45 anos, afina seus instrumentos de campanha para deputado federal em 1990, garantindo que "tenho apoio de jornalistas, militares e até de empresários". Mas não diz, nem com reza brava, em quem vai votar em novembro. Fugindo da pergunta, Juruna diz mineiramente: "Vou aguardar. Vou conversar com os candida-

tos. Quem tiver propostas que atendam aos índios e ao povo brasileiro, vou apoiar", deixando escapar, porém, que nos intervalos de sua instrumentação vem mantendo vários contatos com Leonel Brizola (PDT).

POUCO TRABALHO

Enquanto toma várias doses de antibióticos por dia, para eliminar de vez a pneumonia, Juruna antecipa que seu apoio político se dará para o candidato que propuser a criação do Ministério do Índio. "Apesar de ser assessor técnico da Funai há quatro meses, com a doença "compareci muito pouco ao trabalho e devo retornar às atividades na semana que vem", conta, com ar de quem aprendeu logo as lições do branco em termos de trabalho.

Juruna conhece cerca de dez países e não consegue disfarçar a ponto de orgulho, quando lembra que "fui o primeiro índio no mundo a se tornar parlamentar pelo voto direto". Mas, na atividade política, Juruna andou desafinado. Em quatro anos de mandato como deputado federal do PDT, pelo Rio, (Juruna obteve 32 mil votos e, na segunda eleição, em 1986, teve 10.700 votos, não sendo reeleito), o labirinto político fez com que o cacique perdesse a paciência. "Apresentei só quatro projetos de lei no meu mandato", conta, revelando que "como não consegui aprovar nenhum, os parlamentares barravam, fiquei p... da vida e desisti de novos projetos".

CURRICULO

Saído da aldeia de Namuncurá, Reserva de São Marco, em Mato Grosso, por volta de 1977, o ex-cacique Mário Juruna chegou a Brasília em busca de agasalhos, sapatos e cobertores nos órgãos do Governo para sua comunidade. Logo percebeu que com branco não se brinca e que é dando que se recebe. Como não tinha nada para dar, Juruna fazia seus pedidos e registrou num gravador, que o acompanhou durante três anos, as promessas "nunca cumpridas pelo branco. No fim nem a comunidade indígena estava acreditando mais nas promessas".

Para defender sua comunidade, ele tentou apoio no PMDB. "Não consegui legenda no partido e, então, pedi ajuda ao Brizola, que me apoiou e deu legenda, em 1981, quando me elegi deputado federal pelo Rio", lembra ele. Juruna garante que construiu sua obra parlamentar porque "fiz meu processo, meu nome e a luta foi com meu suor, sacrifício".

F. GUALBERTO



Juruna compara Collor a um rizicultor: planta mas não colhe